

# O QUE É O TEMPO A PARTIR DA QUESTÃO SOBRE O QUE DEUS FAZIA ANTES DE CRIAR O MUNDO, SEGUNDO AS CONFISSÕES DE SANTO AGOSTINHO



Vol.9 nº 17 jan./jun.2014  
p. 343-354

## WHAT IS THE TIME OR WHAT GOD DID BEFORE MAKING THE WORLD ACCORDING TO SAINT AUGUSTINE

**Gilmar Henrique da Conceição<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Este trabalho busca estudar a noção de tempo agostiniana circunscrita às *Confissões*. De acordo com Santo Agostinho, querer explicar o tempo é uma ação que ultrapassa a capacidade de nossa própria linguagem e, portanto, escapa à nossa compreensão. De qualquer forma, considera que o próprio tempo teve um começo, por conseguinte, o tempo, como tudo o que existe, não é eterno. Enquanto não existia a consciência humana, não existia, tampouco, nem o “antes” e nem o “depois”, que só passaram a existir, efetivamente, com a criação do tempo e enquanto este começara a ser apreendido pela mesma consciência humana. Na ânsia de conhecer o tempo Santo Agostinho sonda continuamente a sua própria consciência. Esta trajetória o leva a investigar os limites da própria filosofia e a contingência do ser e é aí que se dá o seu encontro com Deus, no qual se realiza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia. Conhecimento. Tempo. Eternidade. Consciência. Política.

**ABSTRACT:** This work studies the notion of time Augustinian. According to St. Augustine, wanting to explain the time is an action that exceeds the capacity of our own language and, therefore, eludes our understanding. Anyway, time itself had a beginning, therefore, over time, as everything that exists, is not eternal. While there was no human consciousness did not exist, either, nor the "before" nor the "after" which only came into being, effectively, with the creation of time and while it began to be perceived by the same human consciousness. Eager to know the time St. Augustine continually probe their own consciences. This path leads to investigate the limits of philosophy itself and the contingency of

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unioeste<sup>1</sup>

being and this is where you give your encounter with God in which it is held.

**KEYWORDS:** Philosophy. knowledge. Time. Eternity. Consciousness. Politics.

### Introdução

[...] se me engano, existo. Quem não existe não pode enganar-se; por isso, se me engano, existo. Logo, se existo, se me engano, como me engano, crendo que existo, quando é certo que existo, se me engano? Embora me engane, sou eu que me engano e, portanto, no que conheço que existo, não me engano. Segue-se também que, no que conheço que me conheço, não me engano. Como conheço que existo, assim conheço que conheço (AGOSTINHO. 2010, XI, 26, p. 45).

No pensamento ocidental podemos distinguir três concepções distintas acerca do que seja o tempo: a grega, a cristã e a moderna. Na realidade, perguntas acerca do tempo foram formuladas por muitos filósofos e cientistas ao longo dos anos. Neste trabalho nos restringimos à concepção de Santo Agostinho, tal como é tratada nas *Confissões*. Ainda que a discussão de nosso autor se estenda por outras obras, este trabalho se limita às *Confissões*. Para Santo Agostinho, conforme Costa (2007, p. 143-149), a criação aconteceu, e continua acontecendo até o presente de forma progressiva, dividida em três momentos: *Creatio prima* (em um primeiro momento, Deus criou a matéria informe *ex nihilo*), *Creatio secunda* (em um segundo momento, Deus cria os seres a partir da matéria informe), *rationes seminales* (em um terceiro momento, Deus colocou no mundo algumas coisas apenas em potência, para que pudessem se desenvolver, dando origem aos novos seres). Como se vê, na concepção agostiniana é basililar a idéia de um Deus transcendente, único e pessoal, criador e legislador do universo, bem como a crença da criação do mundo *ex-nihilo*, ou seja: a partir do nada, sendo que o nada não é “presença de algo”, mas “ausência de algo”. O Criador produz o ser do não-ser absoluto. Deus é o único Ser, e tudo o que não é Deus são apenas entes.

Conforme esta concepção, o ser humano foi precipitado no tempo e na morte como resultado do pecado. O pecado é um movimento que exila a alma de sua própria intimidade, projetando a alma para a exterioridade, para fora da consciência. Mas, com o Mediador (a Palavra feita carne) há a possibilidade de fazer da vida do homem no tempo, uma preparação para a vida eterna, fora e além do tempo. Santo Agostinho é um pensador da graça radical: “O jogo entre graça e pecado, como luz e sombra, infunde o mundo definido pelo tempo, e em algum sentido o cria” (WETZEL, 2011, 38).

É compreensível que em face de um mundo cujos pilares, valores, definições, limites e certezas ruíam irremediavelmente, Santo Agostinho se volte para as possibilidades de um novo conhecer seguro, eterno e imutável, porque ele busca de forma incansável o conhecimento e nesta busca ele adere ao cristianismo. Num mundo de variações e vicissitudes, onde tudo é cambiante Santo Agostinho busca um ponto seguro onde possa apoiar sua alavanca em busca da sabedoria: o eterno que quer simultaneamente e para sempre o quer: “Não pode querer repetidas vezes nem querer agora uma coisa, e logo outra, nem querer depois o que antes não queria ou deixar de querer o que queria [...]” (AGOSTINHO, 2002, XII, 15, p. 242), porque Deus não está sujeito à mudança. Já o que é mutável quer o que não queria, e sabe o que não sabia, e relembra o que havia esquecido. Os seres humanos foram criados no tempo, assim, Santo Agostinho está empenhado em se conhecer a partir da constatação do “engano”, porque “se me engano, sou”. Na ânsia de conhecer o tempo Santo Agostinho sonda continuamente a sua própria consciência com o que chama “solilóquios”. Esta trajetória o leva a investigar os limites da própria filosofia e a contingência do ser e é aí que se dá o seu encontro com Deus, no qual se realiza.

Na discussão sobre a verdade, o nosso entendimento é que ao mesmo tempo em que Santo Agostinho discute a relação entre tempo e eternidade, entre felicidade e conhecimento da verdade, contrapõe-se aos pagãos e aos cétricos acadêmicos que julgam ser impossível conhecer a verdade. Ainda que Santo Agostinho tenha, num certo momento,

aderido aos céuticos, chegando a fazer parte da antiga Academia de Platão, posteriormente, defende o assentimento da verdade e passa a combater o pensamento cético dos acadêmicos: “Não temo, pois, confessar a ciência das coisas que conheço” (AGOSTINHO s/d, II, 4, p. 35). Ao que consta não há registro de algum escrito anterior de Santo Agostinho em defesa dos céuticos, temos, ao contrário, escritos contra os céuticos acadêmicos (e contra os pagãos). Santo Agostinho, não pode continuar sendo cético porque agora julga ter a certeza da verdade no encontro com Deus, bem como na certeza filosófica do engano. Portanto, ele conquista uma certeza: a da própria existência espiritual e daí chega a uma verdade superior, imutável, condição e origem de toda verdade parcial.

Politicamente, Santo Agostinho vive em um Estado de crises e de rupturas, convulsionado por lutas internas, onde proliferam debates teóricos e ideológicos, bem como confrontos armados, heresias e cismas. O ceticismo que em certo momento atrai Santo Agostinho é uma filosofia de tempos de crise. Questões teológicas e religiosas são discutidas com mais liberdade, uma vez que escapam ao controle da Igreja e começam a tocar nos problemas políticos e sociais. Assim ele testemunha o fim de um tipo de sociedade e a gestação de outra. Ou seja, ele vivencia o tempo de decadência do Império romano, o fim da Antiguidade clássica, que desabou pela desintegração da poderosa estrutura que, durante séculos, dominou o mundo. De certa forma Santo Agostinho está no meio de uma espécie de furacão. Toda a vida de Santo Agostinho é cercada por conflitos de toda ordem. Foi testemunha da invasão de Roma pelos visigodos. Inclusive até mesmo quando falece, Hipona está sendo invadida pelos vândalos, após um cerco de três meses. Assim, Santo Agostinho pensa o tempo como mudança: antes, agora e depois. De acordo com a *Bíblia*, sobre a qual Santo Agostinho se debruça em sua busca incessante, há diferentes tipos de tempo: tempo para nascer e tempo para morrer, tempo para criar e tempo para destruir. Para nosso autor, o tempo que passa destruindo e criando é um vestígio da eternidade. Desse modo, no fundo destes problemas Santo Agostinho indaga, de forma penetrante e cautelosa, acerca do mundo e de Deus: “Não afirmo, ó Pai. Apenas pergunto” (AGOSTINHO, 1984, XI, p. 220). Ele constata que é muita pretensão do ser humano querer conhecer e sondar os segredos mais profundos de Deus e alerta que “muitos frequentemente falam daquilo que não sabem” (AGOSTINHO, s/d, I, IV, p. 35). Humildade no diálogo com Deus, porém, não impede Santo Agostinho de pensar. É certo, portanto, que Santo Agostinho é “a guide for the perplexed”, um guia para a perplexidade, em que as perguntas não cessam.

### **I.O começo do tempo: O que havia antes do Princípio?**

Uma ideia central desenvolvida neste trabalho é a de que, para nosso autor, o tempo foi criado: teve um começo e terá um fim. Digamos, inicialmente, que antes de chegar a tais ideias, a busca agostiniana foi multifacetada e profunda. Após sua lenta e amadurecida conversão, cada vez mais ávido pela verdade, Santo Agostinho lê, logo no início do *Gênesis*, que “no Princípio, criou Deus o céu e a terra. A terra porém era vã e vazia: e as trevas cobriam a face do abismo [...]” (*Gênesis* 1, 1.), e se depara com a questão: o que havia antes do Princípio? Como foi o início do mundo? Ao voltar-se para este problema acaba perguntando pela natureza do tempo. Efetivamente a origem da existência de todas as coisas está principalmente ligada ao problema do tempo que é distinto da eternidade, como ele procura mostrar. Esta discussão tem a ver com suas polêmicas, bem como da direção que tomou o movimento de suas escolhas. Nosso autor apresenta assim uma disputa direta com os maniqueus e, indiretamente, com o pensamento greco-romano. Os maniqueus defendiam a eternidade do mundo, e a tradição greco-romana acaba por defender o surgimento dos seres do universos a partir de uma matéria pré-existente, informe, indeterminada, eterna ou infinita.

Desse modo, Santo Agostinho, no *Livro XI* de suas *Confissões*, respondendo aos maniqueus, nos surpreende com a questão: O que Deus fazia antes de criar o mundo? Na busca

de respostas para esta questão formulada, Santo Agostinho se debruça numa análise filosófica sobre “o que é o tempo” se apoiando em paradoxos. Mas, esta questão para nosso autor não tem sentido estritamente filosófico e sim o de exercícios espirituais. Iremos argumentar que em Santo Agostinho o problema do tempo está subordinado à compreensão do Princípio da criação, ou seja, a discussão sobre a eternidade de Deus aporta alguma contribuição ao exame do tempo, estabelecendo diferenças nas quais a oposição entre o eterno e o temporal se revela central. De maneira que, para além das polêmicas em que se envolve, a preocupação de Santo Agostinho é também conhecer Deus não somente de maneira teórica:

[...] trata-se de um exercício espiritual, porque a orientação do esforço filosófico não é somente especulativa: conforme o imperativo de transcender a si mesmo após a introspecção, Agostinho tem um interesse moral em cada tema, sempre com vistas à conversão do espírito à unidade, à origem” (NOVAES, 2009, 260).

A singularidade da filosofia agostiniana aspira a ser mais do que platônica, e sim especificamente cristã. Nosso autor não opõe o “Deus dos filósofos” ao “Deus bíblico” e comenta dois nomes: o “nome da substância” e o “nome da misericórdia” (HUISMAN, 2001, p. 18). Santo Agostinho vai além do dualismo platônico, em dois aspectos. Primeiro aspecto: a distinção não se dá mais entre duas substâncias antagônicas; a alma como substância boa e o corpo como substância má. As duas substâncias são boas porque foram criadas por Deus. Ou se quisermos, para nosso autor temos uma substância boa (a alma) e outra menos boa (o corpo). Segundo aspecto: ontologicamente, o corpo passa a ser elemento constitutivo do ser humano, com funções, paixões e ações essenciais ao homem. Na realidade, Santo Agostinho parece divergir dos platônicos absolutos porque não julga a matéria má em si mesma, nem considera a união da alma com o corpo como uma punição porque o homem é uma unidade substancial de corpo e alma. Em outras palavras, o corpo não é a prisão da alma; o pecado é que aprisiona o homem à matéria, da qual ele deve libertar-se pela vida moral. As sensações nos revelam o particular e o contingente, que não pode ser objeto de verdadeiro conhecimento, assim, a verdade não provém nem do mundo exterior nem do homem, mas é realidade universal e necessária, imutável e eterna, o próprio Deus. O pecado é uma dispersão voluntária de si no exterior e em direção ao inferior. A busca por Deus está na outra extremidade; no interior ao íntimo e no superior ao sumo (ABBUD, 2007, p. 93).

Conforme Santo Agostinho, o movimento requer a imutabilidade, a contingência requer a necessidade, e as coisas contingentes e relativas implicam, para serem, o necessário e o absoluto. Quando o homem conhece-se, conhece-se como imagem e semelhança do Criador.

De certa forma as diferentes correntes filosóficas que se opõem constituem uma Torre de Babel na busca do conhecimento e não podem, por conseguinte, nos dar a verdade. Santo Agostinho inicia suas *Confissões* interrogando o mundo exterior, mas a fragilidade das respostas e as falsas evidências que encontra levam-no a um movimento de transcendência que prossegue no mundo interior para chegar a Deus: “em Ti acima de mim”. Santo Agostinho observa na sucessão temporal uma marca da impotência humana e essa observação o leva a aproximar-se de Deus. De acordo com Novaes (2009), os capítulos iniciais situam o tempo como uma das dimensões da “miséria humana” pelas quais busca o contraste do humano com o divino e percebe as limitações e as capacidades da natureza humana: “[...] o homem precisa reconhecer sua finitude, precisa divisar o contraste entre sua natureza e a natureza divina, para então estar em condições de tentar superar tal finitude, recorrendo àquilo que nele se assemelha a Deus” (NOVAES, 2009, 257).

O domínio relativo do tempo que o espírito criado assume sobre o tempo que passa, apresenta tripla intencionalidade; lembrança do passado, observação do presente, e expectativa do futuro. Para Santo Agostinho Deus é sempre presente, eterno e conhece tudo, por isso ele afirma que quer confessar o que Deus já conhece. O céu e a terra estão sujeitos a

mudanças e vicissitudes, mas Deus sempre “é”: “Ainda mesmo o que não foi criado e, todavia existe nada tem em si que antes não existisse” (AGOSTINHO, 1984, XI, 4, p. 211). E acrescenta mais adiante: “Existimos porque fomos criados. Portanto, não existíamos antes de existir, para que nos pudéssemos criar” (AGOSTINHO, 1984, XI, 4, p. 212).

Por circunstâncias históricas e pessoais nosso autor é um defensor do pensamento cristão e entra em debate com diferentes interpretações que a ele se opõem. Nesta direção, a polêmica com os maniqueus obriga Santo Agostinho a se ocupar das origens do universo. Portanto é por demais importante ter presente aqui as diferentes concepções sobre o surgimento dos seres no mundo, bem como as concepções cosmológico-filosófico-naturalistas e, principalmente, a própria posição sustentada pelos maniqueístas, os quais concebiam o mundo sensível como advindo de uma matéria preexistente, como mencionamos. Desse modo, poderemos entender contra o que e quem Santo Agostinho se insurge com sua concepção de tempo e eternidade.

Na realidade, a teoria agostiniana da criação afirma que as criaturas foram feitas do nada, num só momento: criação *ex nihilo*. A vontade de Deus é a causa de todas as coisas. Algumas criaturas surgiram imediatamente em sua forma perfeita, como o firmamento, os astros, a alma dos homens, os anjos. Outras criaturas apareceram na terra sob forma incompleta, porém dotadas de virtudes intrínsecas evolutivas (*rationes seminales*). Desse modo se originaram da matéria bruta, por evolução, os animais, e até o corpo do primeiro homem. (PINA e SANTOS, 1984, 212, nota 548). De acordo com Pina e Santos a afirmação de Santo Agostinho de que ainda mesmo o que não foi criado e, todavia existe, deve ser entendida como ainda mesmo o que não foi criado na sua forma perfeita, por processo evolutivo das razões seminais, obteve a existência, entretanto nada tem em si que antes não existisse.

A feitura das criaturas é associada à iluminação divina: *Faça-se a luz* (Gn. 1,3). Assim com o *fiat lux* a indeterminação anterior à criação das coisas é rompida pela iluminação divina. Iluminar é conceder formas, ordem, posições e distinções. Para Deus não há nenhuma diferença entre o dizer e o criar porque o Verbo de Deus é coeterno com Deus. Este “princípio” e a ordem dada por Deus para decretar o início de todas as coisas são o mesmo. A palavra foi o instrumento da criação. Desse modo, Deus criou o universo do nada e pela palavra; essa palavra foi proferida no tempo e ecoou, gerada no eterno silêncio: “Que criatura existe que não exija a vossa existência? Portanto é necessário concluir que falastes, e os seres foram criados. Vós o criastes pela vossa palavra!” (AGOSTINHO, 1984, VI, 5, 213). O princípio e as palavras proferidas no ato criacional não são criaturas produzidas por Deus para servirem de instrumentos para serem usados na criação do mundo, mas é o próprio Verbo de Deus. Ou seja, é o Verbo, o Logos ou Razão que é o princípio da criação, e já que o Verbo de Deus é a figura divina do Filho, e que o Filho constitui uma única natureza com o Pai, o princípio é o próprio Deus. (COSTA, 2007, p. 142).

A partir deste momento Santo Agostinho nos insere na “dialética” incessante de seu pensamento com perguntas cortantes: Se antes não existia o mundo, quer dizer que existiu em Deus um novo movimento, uma vontade nova para dar o ser a criaturas que não existiam? Assim, n’Ele aparece uma vontade que antes não existia? Se desde toda a eternidade é vontade de Deus que existam criaturas, porque razão não são as criaturas eternas? Os comentaristas e tradutores Pina e Santos (1984) interpretam que, segundo Santo Agostinho a criação não foi *ab aeterno*. Deus criou livremente, por um ato eterno de volição. As idéias das coisas existem no Criador desde toda a eternidade, todavia os termos ou objetos que Deus quer produzir somente aparecem no momento determinado por sua volição (1984, 215, nota 558).

Ao comparar a eternidade de Deus com a fragilidade da natureza humana observa que o tempo não deixa de ser um enigma, pois a eternidade é perpetuamente imutável (e ainda que determine o futuro e o passado, não é nem passado nem futuro) e incomparável se a confrontarmos com o tempo que jamais para: “Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente” (AGOSTINHO: 1984, XI, 11, p. 216).

Efetivamente, foi com a criação do universo que surgiu o tempo. Antes disso não havia tempo e Deus é anterior a todos os tempos: “Como poderiam ter passado inumeráveis séculos, se Vós, que sois o Autor e o Criador de todos os séculos, ainda não tínheis criado? Que tempo poderia existir se não fosse estabelecido por Vós? E como podia esse tempo decorrer, se nunca tivesse existido?” (AGOSTINHO, 1984, XI, 13, p. 217).

## II. Tempo e eternidade nas *Confissões*

Para Santo Agostinho os anos de Deus são como um só dia, e o dia de Deus não se repete de modo que possa chamar-se cotidiano, mas é um perpétuo “hoje” porque este “hoje” não se afasta do “amanhã”, nem sucede ao “ontem”. Porquanto, qual é a causa da vontade de Deus? Veremos que, para Santo Agostinho, perguntar “por que Deus Quis Criar o mundo?” é o mesmo que procurar o que não existe uma vez que nada antecede a vontade de Deus. Não há uma causa para a vontade divina. Por outro lado, o melhor motivo para criação de algo bom é a bondade de Deus. Consequentemente, persistindo na busca para responder à questão escreve que: “Não houve tempo nenhum em que não fizésseis alguma coisa, pois fazíeis o próprio tempo” (AGOSTINHO, 1984, XI, 14, p. 217).

No *Livro XI, 14*, das *Confissões* a discussão sobre a eternidade de Deus sucede ao desafio de responder o que é o tempo: “Que é, pois o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? (AGOSTINHO, 1984, XI, 217-8). O início do raciocínio de Santo Agostinho é constatar que o tempo é um assunto presente em nossas conversas corriqueiras, por isso quando dele falamos, compreendemos o que dizemos e o que nos falamos. *Quid est ergo tempus*, indaga novamente. Mas, se nós formos refletir sobre o que é o tempo caímos num certo enigma. É difícil explicar aquilo que a princípio parece simples. Não sabemos ao certo o que é o tempo, entretanto ele existe:

O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente. De que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro -, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente para ser tempo, tem necessariamente de passar para o, pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? Para que digamos que o tempo verdadeiramente existe, porque tende a não ser? (AGOSTINHO, 1984, XI, 14, 218).

Santo Agostinho escreve que tempo é passagem; o tempo não é apenas uma sucessão de instantes separados porque o tempo se compõe de movimentos passados e futuros nas coisas: “É um contínuo, e como tal, é indivisível. O tempo, para ser estudado na sua metafísica não se deve dividir no 'antes' e no 'depois', mas considerar sua síntese na continuidade” (PINA e SANTOS, 1984, 220, nota 566). De forma que, por exemplo, o ano que está transitando não pode ser presente. Nem sequer o mês que está decorrendo é presente. O presente somente pode ser o dia, parece que concluirá nosso autor. Quando pensamos, porém, que Santo Agostinho irá sossegar com esta consideração, ei-lo, incansável, brandindo sua navalha e recomeçando seus talhos no tempo, com a idéia de que o tempo presente não tem nenhum espaço, ainda que percebamos os intervalos dos tempos. Nem mesmo um dia é inteiramente presente, corta Santo Agostinho. Por fim Santo Agostinho dá o golpe de misericórdia no próprio presente, visto que este se reduz a um ponto de tempo sem nenhuma

permanência, pois no exercício de situá-lo, cada hora pode ser dividida em momentos, cada momento em instantes, cada instante em frações cada vez menores.

O tempo parece ser um fluxo que nos escapa sempre. De forma que chegaríamos a uma partícula tão ínfima, tão efêmera e passageira, cuja duração tornava-se insignificante, irrelevante. Por exemplo, quando terminamos de pronunciar a palavra “agora”, o agora já deixou de ser agora: tornou-se passado. Não medimos uma palavra pronunciada, porque somente é possível medi-la de depois de terminada. Não obstante, depois de terminada, passou. Não é possível capturar o momento, nem por um instante, porque ele está decorrendo. Somente quando o tempo está decorrendo é que posso percebê-lo e medi-lo:

Se pudermos conceber um espaço de tempo que não seja suscetível de ser subdividido em mais partes, por mais pequeninas que sejam, só a esse podemos chamar tempo presente. Mas este voa tão rapidamente do futuro ao passado, que não tem nenhuma duração. Se a tivesse, dividir-se-ia em passado e futuro. [...] Quando está decorrendo o tempo, pode percebê-lo e medi-lo. Quando, porém, tiver decorrido não o pode perceber nem medir, porque esse tempo já não existe (AGOSTINHO, 1984, XI, 15, 219).

Santo Agostinho aborda o problema do tempo numa perspectiva subjetiva e aí há que se observar a inversão feita pela perspectiva agostiniana a respeito do tempo, se a compararmos com a que se consolidou com a ciência moderna. Embora não busque mais conhecer “o que é” (as causas das coisas), mas tão somente determinar “como é” (como se processam as coisas), a concepção de tempo que prevaleceu é a dos fundadores e principais representantes da ciência moderna: o tempo é algo exterior ao homem. Sendo assim, a ciência moderna mantém algo da concepção formulada por Aristóteles. Ou seja, a ciência continua a basear-se na hipótese de que o espaço e o tempo são absolutos e, de modo geral, isto perdurou até o advento da teoria da relatividade. Com isso temos uma concepção objetiva de um tempo que existe, independentemente da existência do homem. Santo Agostinho problematiza diferentes perspectivas e, segundo alguns comentadores, levanta as seguintes questões entre outras: “E se a realidade for inversa? Ou seja, se ao invés de vivermos dentro do tempo for ele nosso hóspede? Hóspede de nossas consciências? Mais ainda, produto de nossas consciências? Criação de nossas mentes? E, finalmente, o tempo existe objetivamente?”. Santo Agostinho nos sugere uma espécie de paradoxo ao pensar, simultaneamente, o homem como “hospedeiro do tempo” e que está “dentro do tempo”. O presente não para nunca porque o tempo é um movimento perpétuo. O tempo é uma percepção ou ele não existe. Conforme Santo Agostinho o tempo existe por causa de nossas consciências, ou seja, não existindo a consciência humana, o tempo deixará de existir, porque é na consciência que percebemos o tempo, como também é na consciência, que observamos sua tripartição em passado, presente e futuro. Estes três tempos, porém, só coexistem no espírito:

Em ti, ó meu espírito, meço os tempos! Não queirais atormentar-me, pois assim é. Não te perturbes com os tumultos das tuas emoções. Em ti, repito, meço os tempos. Meço a impressão que as coisas gravam em ti à sua passagem, impressão que permanece, ainda depois de elas terem passado. Meço-a a ela enquanto é presente, e não àquelas coisas que se sucederam para a impressão ser produzida. É a essa impressão ou percepção que eu meço, quando meço os tempos. Portanto, ou esta impressão é os tempos ou eu não meço os tempos (AGOSTINHO, 1984, XI, 27, p. 228).

Segundo Santo Agostinho, querer explicar o tempo é uma ação que ultrapassa a capacidade de nossa própria linguagem e, portanto, escapa à nossa compreensão. De qualquer forma, o próprio tempo teve um começo, por conseguinte, o tempo, como tudo o que existe, não é eterno. Enquanto não existia a consciência humana, não existia, tampouco, nem o “antes” e nem o “depois”, que só passaram a existir, efetivamente, com a criação do tempo e enquanto este começara a ser apreendido pela mesma consciência humana. O tempo é mais uma criatura de Deus, e sua formação de dá juntamente com a criação do mundo, pois antes nada existia, a não ser o próprio criador, mais este “antes” pode provocar contradição já que tal

palavra, por si só, já é um indicativo de tempo. Ocorre, todavia, que o tempo de Deus não é exatamente o mesmo tempo dos homens; é o tempo eterno, imutável, constante, e não fragmentado e fluido como o nosso. O mundo não foi feito no tempo, mas com o tempo: “Não é no tempo que Vós precedeis o tempo [...]” (AGOSTINHO, 1984, XI, 13, p. 217). Somente temos uma certeza no tempo; a de nossa própria morte, tudo mais carrega a suspeita do engano.

A investigação do tempo conduz à eternidade. A constatação de nossa dependência nos aproxima de Deus, uma vez que a natureza humana, para ser ou existir, necessita do Criador (eterno). Ora, na medida em que o homem conhece a si, reconhece que sua existência depende de um ser eternamente existente: “Insiste, ó minha alma, e redobra esforçadamente de atenção: ‘Deus nos ajudará, pois Ele nos criou e não fomos nós que nos criamos’” (AGOSTINHO, 1984, XI, 27, p. 227). É preciso desvincular a ação de Deus das noções temporais que são estritamente humanas, mas sentimos e medimos o tempo, antes de entendê-lo. Vimos que há três tipos de presente: a memória, na qual estão presentes as coisas passadas, a visão do que é presente, e a expectativa do que está por vir. As coisas futuras estão no espírito como “expectação” e as coisas passadas estão no espírito como “memória”, mas isso não resolve o enigma:

Essa solução já não remete o passado e o futuro para um presente impossível, porque extenso, mas ainda não dá conta da medição do tempo na sua passagem do futuro ao passado através do presente. Por isso, Agostinho acena com uma “quarta dimensão” do tempo, os “tempos passantes”; mas eles servem a rigor para lembrar apenas que a redução dos tempos à alma, embora resolva a existência dos tempos, não resolve ainda o problema da sua extensão, da passagem ordenada dos três: em suma não explica a realidade de algo que vem do futuro, passa pelo presente, para se tornar passado (NOVAES, 2009, 273).

Confundimos o tempo com o movimento. Santo Agostinho, porém, se recusa a identificar o tempo aos movimentos celestes, bem como repele a idéia de recorrer a qualquer movimento circular exclusivo para medir o tempo, porque o movimento circular não constitui tempo. Se os corpos celestes interrompessem seus movimentos teríamos outros instrumentos para medir o movimento do tempo como, por exemplo, “a roda do oleiro”. Ou seja, como afirma Novaes (2009), para Santo Agostinho existe uma noção do tempo, anterior ao movimento cosmológico, que permite que se meça este movimento com o tempo e não o tempo pelo movimento? Ora, o problema continua: Como medimos o tempo?

De acordo com o nosso autor, o tempo não existe fora da alma, aliás, esta é a vida da alma que se estende para o passado e o futuro. A alma espera, presta atenção e recorda, de tal maneira que aquilo que ela espera passa, através daquilo a que ela presta atenção, para aquilo que ela recorda. Santo Agostinho, portanto, considera que a rigor não existem três tempos (passado, presente e futuro), mas somente três presentes: “o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro”. O tempo é, então, a extensão da própria alma, porque a percepção é os tempos. Conforme Santo Agostinho, nós só podemos medir o tempo como momento, como uma distensão de difícil definição: “Vejo portanto que o tempo é uma certa distensão” (AGOSTINHO, 1984, XI, 23, p. 224). Acrescenta mais à frente: “Pelo que, parece-me que o tempo não é outra coisa senão distensão; mas de que coisa o seja, ignoro-o. Seria para admirar que não fosse a da própria alma” (AGOSTINHO, 1984, XI, 26, p. 226). É a distensão que dá precisamente uma extensão, que nos permite medir o tempo. Novaes (2009) argumenta que, de acordo com o pensamento agostiniano, o tempo não pode ser medido tal como o espaço é medido porque o espaço ocupado pelo tempo não é um espaço local:

Isto é, não é possível explicar a distância entre um e outro instante do tempo, e medi-la, tomando como padrão as medidas de ‘espaço temporal’, uma vez que estas pressupõem a simultaneidade entre as extremidades a serem medidas.

Ora, com o tempo ocorre justamente o contrário: a medida do tempo exige que os momentos não sejam simultâneos. O que constitui um 'espaço' de tempo é exatamente a ausência de simultaneidade. Dessa forma, um poema não é longo porque suas extremidades gráficas estão afastadas, mas porque sua primeira sílaba deixa de existir muito antes que a última venha a soar (NOVAES, 2009, 278).

Santo Agostinho reconhece o limite das palavras humanas para falar do tempo porque devido ao pecado os homens “têm mais sede de saber do que permite a sua capacidade” (AGOSTINHO, 1984, XI, 30, p. 230) por isso sua “linguagem é oca”. De modo que ele reconhece a fragilidade em compreender para além dos tempos: “Que abismo, Senhor, meu Deus, o dos vossos profundos segredos, e quão longe deles me levaram as conseqüências de meus delitos!” (AGOSTINHO, 1984, XI, 30, p. 230). Conclui, porém, que para a conversão nós apenas temos o instante, ainda que o presente careça de espaço, porque passa num momento: “Contudo, a atenção perdura, e através dela continua a retirar-se o que era presente” (AGOSTINHO, 1984, XI, 28, p. 229). Conseqüentemente, Santo Agostinho somente tem o presente - seja lá o que isso signifique, pois “falamos muitas vezes sem exatidão” - para se ligar a Deus, que não conhece nem futuro nem passado, de modo que nosso autor quer preocupar-se, sem distração alguma, não com as coisas futuras e transitórias, mas com aquelas que existem no presente.

### III. Conclusão

A discussão acerca do tempo e da eternidade feita por Santo Agostinho reverbera em muitas direções. Afinal, o que Deus fazia antes de criar o mundo? Perseguindo uma resposta, Santo Agostinho repele a fantasia que coloca Deus como alguém vagueando por tempos imaginários anteriores à criação e responde:

Gosto mais de responder: não sei – quando de fato não sei [...]. Se pelo nome de “céu e terra” se compreendem todas as criaturas, não temo afirmar que antes de criardes o céu e a terra não fazeis coisa alguma. Pois se tivésseis feito alguma coisa, que poderia ser senão criatura vossa? Oxalá eu soubesse tudo o que me importa conhecer, como sei que Deus não fazia nenhuma criatura antes que se fizesse alguma criatura! (AGOSTINHO, 1984, XI, 12, p. 216).

Santo Agostinho acrescenta muitos outros argumentos na mesma direção de que o tempo não poderia decorrer se antes não fosse criado e que não é concebível um tempo em que possa dizer-se que não havia tempo. Pina e Santos (1984, 215) afirmam que, de acordo com Santo Agostinho não há a eternidade do mundo, por isso a criação não foi *ab aeterno* (“desde toda a eternidade”; “sempre”). Além disso, a idéia de uma criatura eterna é inconcebível e se anula em si mesma. Para estes comentadores, as idéias das coisas existem em Deus desde toda a eternidade, todavia os termos ou objetos que o Criador quer produzir só aparecem no momento determinado pela sua volição. Ora, se o tempo surgiu com o mundo, (sendo mesmo criado como ele *in principio*), pensar um momento anterior a Deus criar o mundo, ou mesmo um instante em que Deus cria o próprio mundo, é incorrer em contradição, já que o antes, o agora e o depois, designam o tempo, que não poderia existir, sem que o mundo ou as criaturas existissem. Há uma fronteira intransponível entre o tempo e a eternidade, já que a heterogeneidade entre ambos tem raízes ontológicas. Somente a conversão pode levar à intimidade com Deus e com ela vem a confiança de se deixar levar pelo Criador porque se trata de uma entrega ao absoluto:

Por outro lado, não podemos perder de vista a conotação escatológica da conversão. Assim, como de *distentus a intentus* há uma progressão, há também uma progressão do sentido ativo da *distentio* para uma espécie de passividade:

a *extectatio* de um futuro temporal torna-se *spes* de sentido escatológico (NOVAES, 2009, 283).

Santo Agostinho exige que o espírito distento não apenas se recolha a si, na *intentio*, mas exige que seja ainda *extensus* em direção ao Mediador (NOVAES, 2009, p. 283). De modo que, somos levados a transformar nossa ambição de conhecer e tempo em desejo de eternidade. O tempo, como signo, remete ao futuro da salvação. O exercício acerca do tempo, feito por Santo Agostinho, nos faz entrever alguma coisa que parece estar além do presente e acima do tempo. A busca agostiniana não é fundamentalmente mergulho do eu na essência do ser, mas a busca do Tu. Neste sentido, Santo Agostinho nos leva a pensar uma questão: É possível uma concepção da possibilidade religiosa, altamente articulada e enormemente influente, e, de modo substancial, não estar cultivando uma filosofia? (WETZEL, 2011, 28).

De acordo com Santo Agostinho há duas atitudes cognoscitivas que pertencem à mesma *ratio*: “o homem exterior” e “o homem interior”. A descoberta de Santo Agostinho, na busca da verdade, foi tê-la encontrado em seu próprio interior, por meio do conhecimento de si mesmo, que implica em diálogo com o “homem interior”, e no qual, como desdobramento desta ação dialética, acaba, enfim, encontrando o Mestre interior. Este diálogo com o homem interior constitui uma prospeção na busca desse eu, que vive no tempo, identificando as possíveis relações com o Outro e com um Tu transcendente, que vive a eternidade. A experiência agostiniana da alteridade pessoal (ou da vivência da interioridade) é um experimentar que se mostra como conhecimento de si, da sociedade e dos cosmos

## NOTAS

<sup>2</sup>Além das Confissões, vide sobre isso as objeções dos maniqueus em Comentário literal ao Gênesis – sobre o Gênesis, contra os maniqueus – comentário literal ao Gênesis, inacabado. Trad. de A. Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005 (coleção Patrística, n. 21) e como nosso autor as trata ironicamente. O término da redação das Confissões coincide com o período em que Santo Agostinho escreve os primeiros livros do Comentário Literal ao Gênesis.

<sup>3</sup>Em síntese: a) para o Santo Doutor, todas as criaturas foram tiradas do nada num só momento, por simples ato da vontade, estando tudo já presente potencialmente na matéria informe criada como matéria-prima para dá origem aos seres futuros; b) no instante da criação (na formação a partir da matéria informe), alguns seres foram formados completos e perfeitos, como é o caso dos anjos, dos astros, do primeiro homem, etc.; c) outros, como os vegetais, os animais (os peixes, as aves e até o corpo dos descendentes do primeiro homem, etc.) foram criados em potência, em suas raciones seminales” (COSTA, 2007, p. 150)

<sup>4</sup>“Ao que estamos fazendo, chamo de Solilóquios, e com este nome quero designar esta conversa que temos a sós [...] Não obstante, considero este como o melhor método de procura da verdade, no qual se procede por perguntas e respostas de si para consigo” (Santo Agostinho, s/d, II, 7, p. 88).

<sup>5</sup>AGOSTINHO, Santo. Contra os acadêmicos. São Paulo: Editora Paulus, 2008. Coleção Patrística, vol. 24.

<sup>6</sup>Para uma análise das relações entre Agostinho e os céticos, ler: “Agostinho e ceticismo: um estudo da crítica agostiniana ao ceticismo em Contra Acadêmicos” (PEREIRA JÚNIOR, 2012).

<sup>7</sup>Este é o título original do livro de Wetzzel “Augustine: a guide for the perplexed”. Este livro foi traduzido para o português por Caesar Souza e consta em nossas referências. Cfr.: WETZEL, 2011.

<sup>8</sup>Costa esclarece que: “Nosso Pensador está interpretando Gn 1.1 à luz de Jo 1. 1-3 do Novo Testamento: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus”. Logo, o princípio e as palavras do decreto criador são identificados com o Verbo do Evangelho de João. Isto é, o Verbo, o Logos ou Razão é o princípio da criação, e já que o Verbo de Deus é a figura divina do Filho, e que o Filho constitui uma única natureza com o Pai, o princípio é o próprio Deus” (COSTA, 2007, p. 142).

<sup>9</sup>“Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra? Se estava ocioso e nada realizava, dizem eles, porque não ficou sempre assim no decurso dos séculos, abstendo-se, como antes, de toda ação? Se existiu em Deus um novo movimento, uma vontade nova para dar o ser a criaturas que nunca antes criara, como pode haver verdadeira eternidade, se n'Ele aparece uma vontade que antes não existia?” (AGOSTINHO, 1984, XI, 10, p. 215).

<sup>10</sup>“Como fizestes, meu Deus, o céu e a terra? Sem dúvida, não fizestes o céu e a terra no céu ou na terra, nem no ar ou nas águas, porque também estes pertencem ao céu e à terra. Nem criaste o universo no universo, porque antes de o criardes, não havia espaço onde ele pudesse existir. Nem tinheis à mão matéria alguma com que modelásseis o céu e a terra. Nesse caso, donde viria essa matéria que vos não criáreis e com a qual pudésseis fabricar alguma coisa?” (AGOSTINHO, 1984: XI, 5, p. 212).

<sup>11</sup>Há um debate acerca da teoria agostiniana em relação ao evolucionismo. De nossa parte concordamos com a ideia de que para o nosso autor não se trata primordialmente de um problema científico, senão mais um problema exegético, de modo que realmente esta fora de propósito citá-lo como uma autoridade a favor ou contra a teoria evolucionista no sentido darwiniano ou Lamarckiano (COSTA, 2007, p. 149). Porém, em outra direção, sobre as raciones seminales - Padovani e Castagnola escrevem que: “Deus, a princípio, criou alguns seres completamente realizados; de outros criou as causas que, mais tarde, desenvolvendo-se, deram origem às existências dos seres específicos. Esta concepção nada tem que ver com o moderno evolucionismo, como alguns erroneamente pensaram, porquanto

Agostinho admite a imutabilidade das espécies, negada pelo moderno evolucionismo” PADOVANI e CASTAGNOLA. Aurélio Agostinho. In: História da Filosofia. São Paulo: Melhoramentos, 1977, p. 212.

<sup>12</sup> “Assinale-se, entretanto que não se trata exatamente da “dialética”, no sentido em que a palavra sugere uma investigação “platônica”, alheia à misericórdia divina. Mesmo que a tensão entre semelhança e dessemelhança, entre o divino e o humano, não seja de todo estranha à influência do platonismo em Agostinho, a sua solução se dá apenas mediante a presença da eternidade no homem interior” (NOVAES, 2009, 259).

<sup>13</sup> Conforme Corbisier (1974), “[...] admitindo que a velocidade da luz não é afetada pelo movimento da terra, Einstein admite que também deve ser independente do movimento dos astros ou de qualquer sistema do universo. A simultaneidade é universal e passa a depender do movimento relativo. Se todos os observadores, ou todos os pontos de vista, são equivalentes, nenhum privilégio pode ser atribuído ao espaço, e se a simultaneidade também varia de acordo com o movimento relativo dos observadores, deixa, também, de ter sentido a hipótese de uma sucessão temporal absoluta. [...]. O tempo não passa, pois, de uma forma de intuição, inseparável da consciência do sujeito. Não há, no universo, nenhum ponto de referência que permita comparações absolutas e, o que chamamos de tempo, é apenas a ordem de sucessão das coisas, umas depois das outras. Não há portanto, um tempo absoluto, independente do que acontece na consciência que o conserva” (CORBISIER, 1974, 194).

<sup>14</sup> Costa (2007) entende que Santo Agostinho em segundo lugar, fala, ou pelo menos deixa implícito nas entrelinhas, da possibilidade de se conceber o tempo como algo objetivo, o tempo quantitativo, criatural, fora do homem, que não é mensurável fisicamente, mas, tão somente, pela sensação que o mesmo provoca na alma humana. E este é justamente o grande enigma do tempo, que é, simultaneamente, “imaneante” e “transcendente” ao homem, ou este – o homem – é, ao mesmo tempo, “hospedeiro do tempo” e está “dentro do tempo” (COSTA, 2007, p. 137).

<sup>15</sup> FÁBIO, L. Mundo dos filósofos. www.mundodosfilosofos.com.br/fabio1.htm Disponibilidade: 02.08.2012.

<sup>16</sup> “Em ti, ó meu espírito, meço os tempos! Não queiras atormentar-me, pois assim é. Não te perturbes com os tumultos das tuas emoções. Em ti, repito, meço os tempos. Meço a impressão que as coisas gravam em ti à sua passagem, impressão que permanece, ainda depois de elas terem passado. Meço-a a ela enquanto é presente, e não àquelas coisas que se sucederam para a impressão ser produzida. E a essa impressão ou percepção que eu meço, quando meço os tempos. Portanto, ou essa impressão é os tempos ou eu não meço os tempos”. (AGOSTINHO, 1984, XI, 27, p. 228)..

## Referências

ABBUD, Cristiane Negreiros. *Iluminação trinitária em santo Agostinho*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

AGOSTINHO, Santo (Aurelius Augustinus). *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, São Paulo: Abril Cultural, 1984.

AGOSTINHO, Santo (Aurelius Augustinus).. *A Cidade de Deus*. Tradução de Oscar Paes Leme. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

AGOSTINHO, Santo (Aurelius Augustinus). *Contra os acadêmicos*. São Paulo: Editora Paulus, 2008, Coleção Patrística, vol. 24.

AGOSTINHO, Santo (Aurelius Augustinus). *Solilóquios*. São Paulo: Escala, s/d.

AGOSTINHO, Santo (Aurelius Augustinus). *Comentário literal ao Gênesis – Sobre o Gênesis, contra os maniqueus – Comentário literal ao Gênesis, inacabado*. Trad. de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção Patrística, n. 21).

BOEHNER, P. e GILSON, E. *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1995.

CORBISIER, Roland. *Enciclopédia filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1974.

COSTA, Marcos Roberto N. “Tempo e eternidade em Agostinho de Hipona”. In: Jan G. ter Reegen, Luis A. De Boni e Marcos R. N. Costa. *Tempo e Eternidade na Idade Média*. Porto Alegre: EST, 2007.

HUISMAN, Denis. Santo Agostinho. In: *Dicionário dos Filósofos*. Tradução de Claudia Berlinger et al. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NOVAES, M. *A Razão em exercício: estudos sobre a filosofia de Agostinho*. São Paulo: Discurso Editorial: Paulus, 2009.

PEREIRA JÚNIOR, A. *Agostinho e ceticismo: um estudo da crítica agostiniana ao ceticismo em Contra Acadêmicos*. Diss. em filosofia UFRN, Natal, 2012.

PESSANHA, J. A. M. Santo Agostinho: vida e obra. In: Santo Agostinho. *Confissões*, São Paulo:

Abril Cultural, 1984.

PINA, A. e SANTOS, O. J. "Notas". In: Santo Agostinho. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

WETZEL, James. *Compreender Agostinho*. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis: RJ: Vozes, 2011.